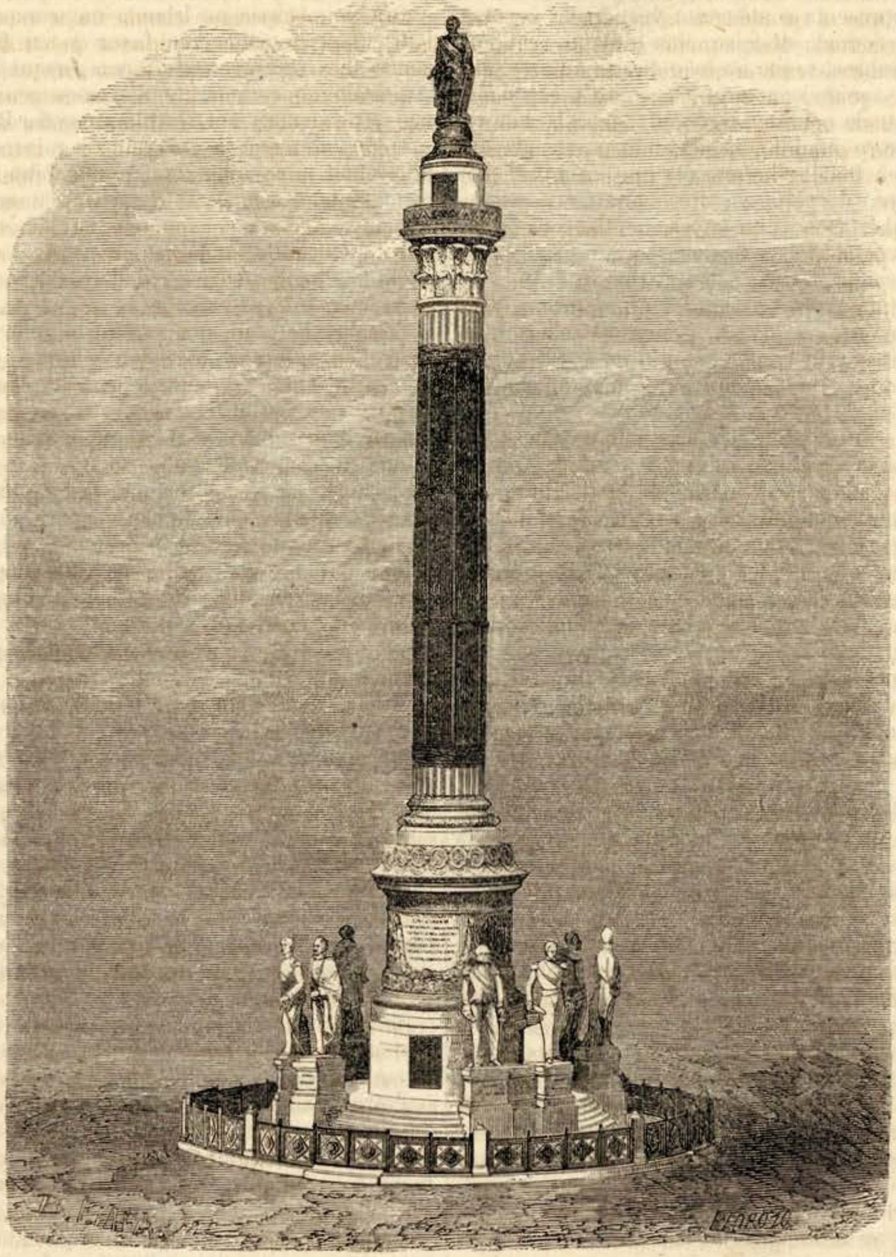


Segundo projecto premiado do monumento a sua magestade imperial o sr. D. Pedro IV

A gravura que precede este artigo representa o modelo para o monumento do sr. D. Pedro IV, que figurou no concurso com o numero 6, e ao qual foi conferido o segundo premio, na importancia de 1:000$000 réis. Foi seu auctor o sr. Antonio Thomaz da Fonseca, architecto mui distincto, e filho de um dos mais insignes pintores portuguezes da epocha actual, o sr. Manuel Antonio da Fonseca, professor de pintura historica da academia das bellas artes de Lisboa.

É feito o modelo de gesso e madeira. Compõe-se de seis partes principaes: base, envasamento, pedestal, columna, lanterneta e estatua.

A base é circular, e divide-se a seu turno em duas partes: a primeira é guarnecida de gradaria, com os escudos de armas das provincias do continente do reino e ultramarinas, e com oito pilares para candelabros; a segunda consta de uma escadaria de oito degraus, adornada com oito estatuas erguidas sobre outros tantos pequenos pedestaes, rectangulares e emparelhados, que estão cortando o terceiro degrau da dita escada. As estatuas representam os oito principaes personagens que auxiliaram o immortal dador da Carta a reconquistar para Portugal os fóros da liberdade. Esses personagens são os srs.: duques da Terceira, de Palmella e de Saldanha; almirante Napier, conde do Cabo de S. Vicente; José Xavier Mousinho da Silveira e José da Silva Carvalho, ministros da fazenda do augusto regente; visconde de Sá da Bandeira, hoje marquez do mesmo titulo; e visconde da Serra do Pilar, o bravo defensor da fortaleza d'este nome, da conservação da qual dependia a sorte da cidade do Porto, e, por conseguinte, a da causa constitucional.

O envasamento é circular como a base, e n'elle se vêem cinco logares destinados para inscripções.

O pedestal tem a mesma fórma do envasamento e base. Decoram-n'o os brazões de armas de Portugal, do Brasil e da casa de Bragança, collocados entre festões de loiro e carvalho. Na frente está a dedicatoria; e forma-lhe o escápo da cornija uma cercadura de estrellas e collares da ordem da Torre e Espada.

A columna tem o fuste coberto, na sua maior parte, de laminas com o texto da carta constitucional.

A lanterneta ergue-se sobre o capitel da columna, com uma grade em volta que lhe serve de varanda. A estatua do sr. D. Pedro IV tem por base a lanterneta, e representa o soberano vestido de general, com a fronte coroada de loiro, com o manto real pendente dos hombros, tendo na mão direita a Carta Constitucional, e apoiando a esquerda sobre a espada.

Pelo interior da columna deve subir uma escada em espiral, de ferro fundido, conduzindo á varanda que coroa o capitel. Dar-lhe-ha entrada um porta praticada no envasamento da columna. Receberá luz de seis janellas, tres abertas no dito envasamento, e as outras tres na lanterneta. N'esta ficará a porta da saída para a referida varanda.

Devem ser de bronze as grades do envasamento e da lanterneta; os brazões de armas do pedestal; as laminas destinadas a conter o texto da Carta Constitucional, sendo as letras doiradas; e a estatua do libertador.

A columna e os pedestaes das oito estatuas que adornam a base serão de marmore azul de Cintra; as ditas oito estatuas de marmore de Carrara; e o resto do monumento de pedra lioz das cercanias de Lisboa, que pertence á classe dos marmores.

O monumento deverá ter de altura $42^{m},3$, e de largura na base $20^{m},2$.

Concorrem n'este projecto algumas circunstancias que o recommendavam á consideração do jury, e que o faziam digno da preferencia, não obstante a monotonia produzida pela fórma circular que predomina em todo o monumento. D'entre essas circunstancias, a que mais avulta a nossos olhos é a principal decoração da base.

É, na verdade, um bello pensamento dar por companheiros ao libertador, no monumento erigido em sua honra, os homens que mais o ajudaram a adquirir para si a gloria que o fez immortal, e a conquistar para a patria a liberdade, que fará volverem-se de novo para Portugal dias de prosperidade e ventura.

N'aquellas oito estatuas ficavam representados os serviços que fizeram á causa constitucional e ao throno da sra. D. Maria II o exercito e a marinha, a diplomacia e a magistratura administrativa. E pois que tão ousada empreza constituiu uma verdadeira epopéa, pelos actos de heroicidade e devoção civica que a illustraram, será incompleto o padrão que houver de commemoral-a, se n'elle não forem representadas as figuras, ou pelo menos gravados os nomes, dos grandes vultos historicos que mais sobresáem n'essa epopéa da liberdade ao lado do seu primeiro heroe — o rei soldado.

Todavia, este projecto de monumento, além de demandar uma base excessivamente larga em relação ao local para onde era destinado, peccava contra uma condição do concurso, que o excluia do certamen. O seu custo era muito superior á verba consignada para a construcção. O auctor declarava, é certo, que sendo as oito estatuas de marmore a causa do excesso da despeza, podiam ser supprimidas. Cremos, porém, que sem ellas não só ficava destruido o pensamento, que em nossa opinião mais recommendava o dito projecto, mas tambem o proprio monumento seria, a nosso ver, prejudicado.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DOMINUS TECUM...

(CONTO PARA CRIANÇAS)

(Conclusão. Vid. pag. 74)

III

Oiçam pois, meus meninos, esta historia, em que vereis como os duendes se transformam com a miseria e com o mau exemplo dos homens.

Aqui tem eterna juventude, lá chegam a envelhecer e tem uma velhice repugnante; aqui não pensam senão nas suas fadas, lá ousam querer raptar as filhas dos homens.

Ora pois, havia na Irlanda um camponez chamado Patricio, que pedíra um favor a um duende, offerecendo-se a recompensal-o; mas, apenas se viu servido, fiado no caracter bom d'esses genios benevolos, não pensou mais em similhante galardão.

O duende, que já era velho e rabugento, e moído de trabalho, enfadou-se com esta falta de palavra, e condemnou o camponez a servil-o sete annos e um dia.

Sentença dada por duende irritado inscreve-se no livro do destino, e lá não é possivel arrancarem-se as folhas, como se fez em Portugal, nem queimar a casa onde o livro está, como se fez em França.

O pobre Patricio, que não quizera dar uma pequena recompensa, viu-se obrigado a servir seu amo sete annos, sem ao menos ter a esperança que teve Jacob, que se viu mettido em eguaes danças, como os meus amiguinhos sabem, mas a quem fôra promettida em premio a formosa Rachel.

E, ainda assim, Jacob não tinha senão que pastorear os rebanhos de Labão, o que, por fim de contas, não é uma occupação desagradavel.

Mas o pobre Patricio, esse estava em peiores circunstancias. Além dos trabalhos habituaes, fazia tambem de escudeiro de seu amo, e tinha de o acompanhar nas suas excursões nocturnas, excursões que eram sempre feitas a cavallo.

Mas a cavallo em que? Imaginam que iam montados em guapos corceis, como esses em que os seus papás montam, ou em pacatos burrinhos, como esses em que os meus meninos vão tambem dar os seus passeios?

Pois não; as coudelarias do nosso duende tinham outra casta de cavalgaduras; eram immensas porque abrangiam toda a natureza, e porque, a fallarmos verdade, os cavallos não occupavam muito espaço. Chegavam, por exemplo, ao meio de um campo, viam duas feveras de palha, o duende pegava n'uma, dava outra a Patricio, e dizia-lhe: «Monta».

Montar era facil de dizer; mas de fazer? Parece-me, realmente, que o mais perito mestre de equitação se havia de ver seriamente embaraçado.

Patricio arrancava os cabellos, amaldiçoava a sua avareza, que o levára áquelle misero estado; mas como arrancando os cabellos ficava calvo, e não transformava a palhinha nem em burro nem em corcel, não tinha remedio senão montar, e lá ia elle por esses ares fóra atraz de seu amo, que cavalgava tão ufano como se montasse no celebre Bucefalo de Alexandre, em que os meus meninos talvez já ouvissem fallar.

De que elle tinha medo principalmente era que os seus visinhos o vissem n'aquella figura, mas d'isso não havia perigo; o duende, sendo invisivel para olhos profanos, tornava-o invisivel tambem a elle.

Outras vezes não eram feveras de palha, mas juncos e cannas os corceis escolhidos; o bom do Patricio quiz ver se conseguia que seu amo acceitasse dois paus de vassoura, que sempre seriam, em fim, cavalgaduras mais commodas; mas, apenas elle abriu a boca, o duende respondeu-lhe com tanta dignidade que isso era bom para as bruxas, que o pobre irlandez não ousou insistir, e tratou de ver se aprendia as regras da picaria aérea, e de escolher a posição mais commoda que podesse na tal fevera de palha que o transportava pelos ares.

Ora um dia, ou antes uma noite, o duende chamou Patricio e disse-lhe com modo benevolo:

— Meu amigo, determinei casar. Estou a fazer mil annos, e parece-me que é tempo de tomar estado e familia. Escolhi para minha noiva a formosa Jenny, e vamos esta noite buscal-a.

Patricio bem desejaria responder que os olhos azues,

as tranças loiras, a rosea boca e as faces nevadas da formosa Jenny não deviam ser para um velhote como elle, e que um noivo de mil annos, a querer tomar estado, devia escolher uma centenaria, e não uma rapariga na flor dos seus vinte annos, e que, além d'isso, razão de todas a mais forte, Jenny casára n'esse mesmo dia, e n'esse instante devia-se estar celebrando a boda em casa do noivo. Mas Patricio bem sabia que o duende não gostava de reflexões, e, portanto, sem tugir nem mugir, montou a cavallo n'uma folha de couve, que era o corcel de gala, e seguiu seu amo pelos ares fóra.

IV

Tudo era festa e riso em casa de Jenny. Brindes sem conto soavam a cada instante, as violas desprendiam os seus alegres epithalamios, e a mesa, servida á farta, ostentava-se com a alvissima toalha no meio da casa.

A noiva era realmente galante a mais não poder ser. Nos olhos tão azues e tão meigos parecia que se refugiára a côr do ceo, expellida do firmamento pelas nuvens, e com a côr do ceo a doçura dos anjos.

Os cabellos tinham o colorido das espigas de trigo; na boca pequenina esvoaçava um sorriso de amor, como borboleta em rosa. As faces eram tão brancas, tão brancas, que desmaiaria junto d'ellas a neve das montanhas de Erin; mas n'esse momento incendia-as o prazer e tingiam-se de reflexos roseos, como a nivea toalha dos pincaros, quando o sol a illumina ao descair no occaso.

O noivo era um rapaz esbelto e varonilmente formoso. O olhar ardente com que, para assim dizermos, enlaçava Jenny, mostrava o immenso amor que lhe tinha; a meiguice dos raios de luz, que emanavam dos olhos da gentil irlandeza, revelava que a voz d'esse amor encontrára um echo no coração da formosa que o duende cubiçava para noiva.

Os convivas agrupavam-se em torno da mesa, e no logar de honra, campeava o gordo padre prior, que fazia frente a um magnifico prato de cabeça de porco, flanqueada de feijões, que lhe levava os olhos, como a formosa physionomia de Jenny enlevava o enamorado esposo.

O duende e o seu criado entraram sem ninguem dar por elles, e foram-se sentar commodamente n'uma das traves do tecto. Os cavallos haviam ficado no telhado fóra do alcance das outras cavalgaduras, que seriam muito capazes de as devorar, sem respeitarem por fórma alguma a confraternidade que as pobres folhas de couve allegariam.

Empoleirado alli assim, Patricio estava talvez um tanto incommodado, principalmente porque lhe chegava o cheiro dos bons manjares que ufanos campeavam em cima da mesa, e o seu estomago segredava-lhe que seria muito melhor fartal-o a elle do que fartar os olhos com as saborosas iguarias.

Mas o bom irlandez bem sabia que o seu duende nunca lhe consentiria mostrar-se; e, portanto, consolava-se pensando que talvez a ceia das bodas de seu amo fosse ainda melhor do que essa que o estava namorando.

Depois relanceou os olhos para a noiva, e em seguida para o seu companheiro da trave, e pensou que era realmente uma barbaridade ligar assim tão donosa primavera a tão encarquilhado inverno.

N'isto a noiva espirrou.

Um espirro não é coisa que envergonhe ninguem, mas o espirro de Jenny fez tanta bulha, que a pobre menina córou muito, sentindo que todas as vistas se haviam voltado para ella.

Excepto, ainda assim, as do padre prior; o anafado sacerdote empunhava o garfo e a faca, e, com os olhos cravados na cabeça de porco, a nada mais dava attenção.

Era natural, meus meninos, que dissessem á formosa Jenny o consagrado *Dominus tecum;* ninguem, effectivamente, queria faltar a esse dever; mas a cortezia ordenava que se deixasse o padre prior tomar a iniciativa, e, por conseguinte, todos esperaram.

O padre prior tomava n'esse instante a iniciativa, mas era de se deitar á cabeça de porco; cravou o garfo destramente, vibrou com certeza rara a faca a um bom tassalho, e transportou-o do prato geral para o seu prato particular.

Terminada essa difficil operação, o padre prior poisou as armas triumphantes ao lado do prato, travou gravemente da colhér, e, em tres ou quatro viagens, fez mudar de gasalhado, e erigiu, em enorme acervo, uma respeitavel quantidade de feijões.

Ninguem ousou advertil-o do seu esquecimento, e, depois d'esse pequeno incidente, a festa continuou com o mesmo estrondo e enthusiasmo.

A bulha dos queixos do padre prior superava o tumultuoso acompanhamento.

Mas o duende é que dava pulos de contente na trave, e dizia a Patricio:

— Se ella dá mais dois espirros e ninguem lhe diz *Dominus tecum*, é minha; foi isso o que Satanaz me prometteu.

O pobre Patricio enfiou; decididamente, o nosso irlandez tinha boa alma; se não fosse a tal avareza...

Em fim, ninguem póde ser perfeito.

D'ahi a instantes Jenny espirrou de novo; mas a pobre menina ficára tão envergonhada da primeira vez, que o segundo espirro comprimiu-o por tal fórma, que ninguem o ouviu, nem mesmo o seu noivo, que se via obrigado n'esse instante a escutar uma enorme dissertação de seu sogro sobre o cultivo da batata.

O padre prior comia.

Por conseguinte, ainda d'essa vez passou o espirro sem o competente *Dominus tecum.*

O duende pulava, dava cabriolas, fazia bulha tal, em fim, que por mais de uma vez um ou outro conviva olhou para o tecto, mas, não vendo coisa alguma, julgou que seriam ratos e continuou a divertir-se.

Patricio scismava; era realmente uma dor d'alma ver tão gentil menina cair em poder d'aquelle espirito malicioso; pensava que talvez a podesse salvar, mas lembrava-se das iras de seu amo, que podiam cair sobre elle, e abanava a cabeça deixando-se ficar mudo e quêdo.

Finalmente, soou o terceiro espirro da menina, ainda mais comprimido que os dois primeiros.

Mas ao mesmo tempo retumbou no tecto um formidavel *Dominus tecum*, que fez tiniar os vidros e tremer os convidados.

E logo um corpo humano veiu, aos robolões pelo espaço, baquear em cima da mesa, entornando o prato do padre prior, que soltou um grito de desespêro, e apanhou na batina o naco de cabeça de porco, antes que um mastim faminto, que andava rondando os pés das cadeiras, désse com tão boa fatia.

Era Patricio que, vencendo as suas indecisões, reunira todas as suas forças e coragem, e salvára d'essa fórma a formosa Jenny.

Ao mesmo tempo ouviu-se uma voz que dizia:

— Despeço-te do meu serviço, mas ahi tens o ordenado.

Não era mau, effectivamente; o irlandez esteve tres mezes em lençoes de vinho, e ficou toda a vida com uma dor nas costellas.

Mas os dois noivos, a quem elle contára o que estivera para lhes succeder, foram-lhe eternamente gratos, ajudaram-n'o muito na sua vida, e, quando envelheceu, levaram-n'o para casa, onde teve sempre uma boa cadeira, onde se sentava a apanhar a sua restea de sol, e onde entretinha os filhos de seus hos-

pedes, contando-lhe as suas viagens aéreas, e a historia dos tres espirros.

V

Cerrou-se a noite de todo, meus meninos, e o sereno esplendor da lua branqueia-vos as rosadas faces; desperta a natureza quando adormece o homem; as flores entre-abrem os seus thuribulos, a fonte desdobra o transparente cristal das suas aguas, e as naiades chorosas entoam os seus lamentos.

Já o somno começa a fazer-vos pender a fronte; brincastes, correstes durante o dia á luz do sol, chega a hora do repoiso; depois, quando fordes crescidos, gostareis de ficar, como eu fico, a contemplar o estrellado docel do firmamanto, e a perguntar ás vozes mysteriosas da natureza qual é o segredo que faz palpitar tantos mundos na abobada estrellada; gostareis de ver os campos onde o luar se espraia, as infindas maravilhas da creação, mas oh! nunca vereis panoramas como os que vos sorriem agora nos meigos sonhos da infancia.

Ide pois; esperam-vos os anjos escondidos detraz das cortinas alvas do vosso leitosinho, e, se algum espirito aéreo se vos entre-mostrar tambem, não tenhaes medo, porque os habitantes d'estes ares luminosos são fadas meigas e risonhas, e não duendes malignos.

M. Pinheiro Chagas.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Vid. pag. 79)

XI

A rapida accumulação das forças sarracenas para o lado da praia patenteou aos nossos consternados soldados que o seu projecto estava descoberto pelo inimigo, mesmo antes de darem pela evasão do padre.

Passou-se a sexta feira sem lucta entre os moiros e christãos, pois que no arrayal d'estes ultimos já a fome começava os seus horriveis combates.

No dia seguinte, ao romper da aurora, appareceram os exercitos sarracenos formados e dispostos á roda do acampamento portuguez em ordem de batalha. Mas, quando os sitiados esperavam resolutos o signal do ataque, viram adiantarem-se alguns poucos moiros com signaes de paz, e assim caminharem até junto das estacadas. Vinham, com effeito, propor pazes.

Bem sabiam os moiros as circunstancias apertadas em que os nossos se achavam; por bem segura tinham elles a victoria; mas, como desejavam mais recuperar a cidade de Ceuta do que destruir o exercito christão, entenderam, e com razão, que mais facilmente obteriam a entrega d'aquella praça por uma capitulação antes da batalha decisiva, pois que, se n'ella morressem os infantes, o que muito receavam, conhecendo já por experiencia o seu arrojo e valor, perdiam n'elles o melhor penhor para a conclusão de similhante ajuste.

Propozeram, portanto, os arabes a capitulação nos seguintes termos: Ser-lhes-hia entregue a cidade de Ceuta com todos os moiros captivos que estivessem n'ella, ou em Portugal, e tambem o arrayal com todas as artilherias, armas, cavallos, bagagens e tendas. Em troca deixariam sair livremente e embarcar a todas as tropas portuguezas.

Ouvida esta proposta, logo o infante D. Henrique convocou a conselho os seus principaes capitães; e ahi se decidiu que, visto acharem-se n'uma situação já sem esperanças, se mandasse um enviado aos soberanos de Fez e de Marrocos para tratar com elles sobre tão grave assumpto.

Foi escolhido para esta delicada missão Rui Gomes da Silva, alcaide-mór de Campo-Maior, cavalleiro tão distincto por sua nobreza e bravura, como notavel pela sua muita prudencia e talento. Acompanhado, pois, de Paio Rodrigues, escrivão da fazenda del-rei D. Duarte, partiu immediatamente para o campo dos sarracenos.

XII

Má estrella guiára desde o principio esta empreza dos infantes. Corriam-lhes as coisas sempre tão contrarias, que parecia haver na sorte o capricho de levar ao ultimo extremo do infortunio essa longa cadeia de fatalidades.

Assim, pois, em quanto nas tendas dos reis moiros tratava das condições da paz o enviado christão, as hostes sarracenas, que ainda não tinham largado o seu posto ameaçador em frente do acampamento portuguez, tomando a demora por covardia dos seus chefes, insoffridas por se lhes escapar a vingança que tanto desejavam saciar, arremetteram contra as trincheiras sem ordem, mas com medonha furia.

De todos os assaltos que os infieis deram ao arrayal dos christãos, nenhum foi tão valente e porfioso como este; em nenhum outro correram tamanho perigo a liberdade e a vida dos sitiados.

Durou sete horas o combate, e em cada hora vinham novas phalanges de sarracenos substituir as que principiavam a fraquejar. E quando viram, por fim, que não podiam vencer os portuguezes com o ferro dos seus alfanges e agomias, nem com a immensa raiva que lhes redrobava as forças, nem com todo o peso de seu excessivo numero, soccorreram-se ao fogo, e lançaram contra as estacadas lenha com alcatrão e outros combustiveis incendiados.

O valor e coragem dos portuguezes passaram por mais esta tão dura prova. Aprouve, porém, a Deus conceder-lhes animo e força para resistir a tão poderoso inimigo. Concorreu bastante para este resultado o bispo de Ceuta, que, durante toda a acção, ou combatia nas trincheiras coberto de armas como um soldado, ou, envolto em suas vestes pontificaes, animava uns fallando-lhes na patria e no rei, nas honras e na gloria, e exaltava outros com o nome sagrado de Jesus Christo, e com a promessa da bemaventurança.

Em vez de descanço, depois das grandes fadigas d'este dia, passaram toda a noite os portuguezes a trabalhar com a maior actividade para abrir novos fossos e plantar novas estacadas com que encurtassem mais o arrayal do lado da cidade, que já lhes falleciam os braços para guarnecer e defender tão larga cêrca de trincheiras. Ninguem se escusou ao trabalho. O infante D. Henrique dava o exemplo, cavando com uma enxada, ou tirando terra dos fossos com uma pá. Ao amanhecer estava a obra concluida.

Era um domingo, 13 de outubro. Os moiros deixaram n'este dia em repoiso os christãos; mas outros inimigos, peiores ainda que os moiros, os vieram combater e atormentar. Tinham-se acabado na vespera os mantimentos, e o inimigo, no contínuo apertar do cêrco, apossára-se de algumas fontes e poços, e lançára animaes mortos nos que havia juntos ás estacadas, d'onde os portuguezes já mal se abasteciam. Assim se levantaram no arrayal a fome e a sêde com todo o horror de seu vulto sinistro e ameaçador.

Os miseros estavam reduzidos a comer a carne dos cavallos que iam matando para se alimentarem. Porém nem tinham lenhas para a assar. Com as sellas e albardas que queimavam mal aqueciam aquella triste comida; e mais triste ainda pela diminuta ração que a cada um se repartia, e pelo pouco que promettia durar.

A sêde, essa então era abrasadora. Viam-se muitos soldados deitados sobre a terra onde havia alguma

humidade, para a sugarem com seus labios sequiosos. Outros nem já tinham forças para tanto, prostrados e vencidos por aquella dura necessidade. Acudiu-lhes, porém, Deus em tão afflictivo transe, enviando-lhes algumas gottas de agua em chuva pouco copiosa, que, pouca como foi, a todos deu alento, e a muitos salvou a vida, ficando ainda alguma provisão d'ella.

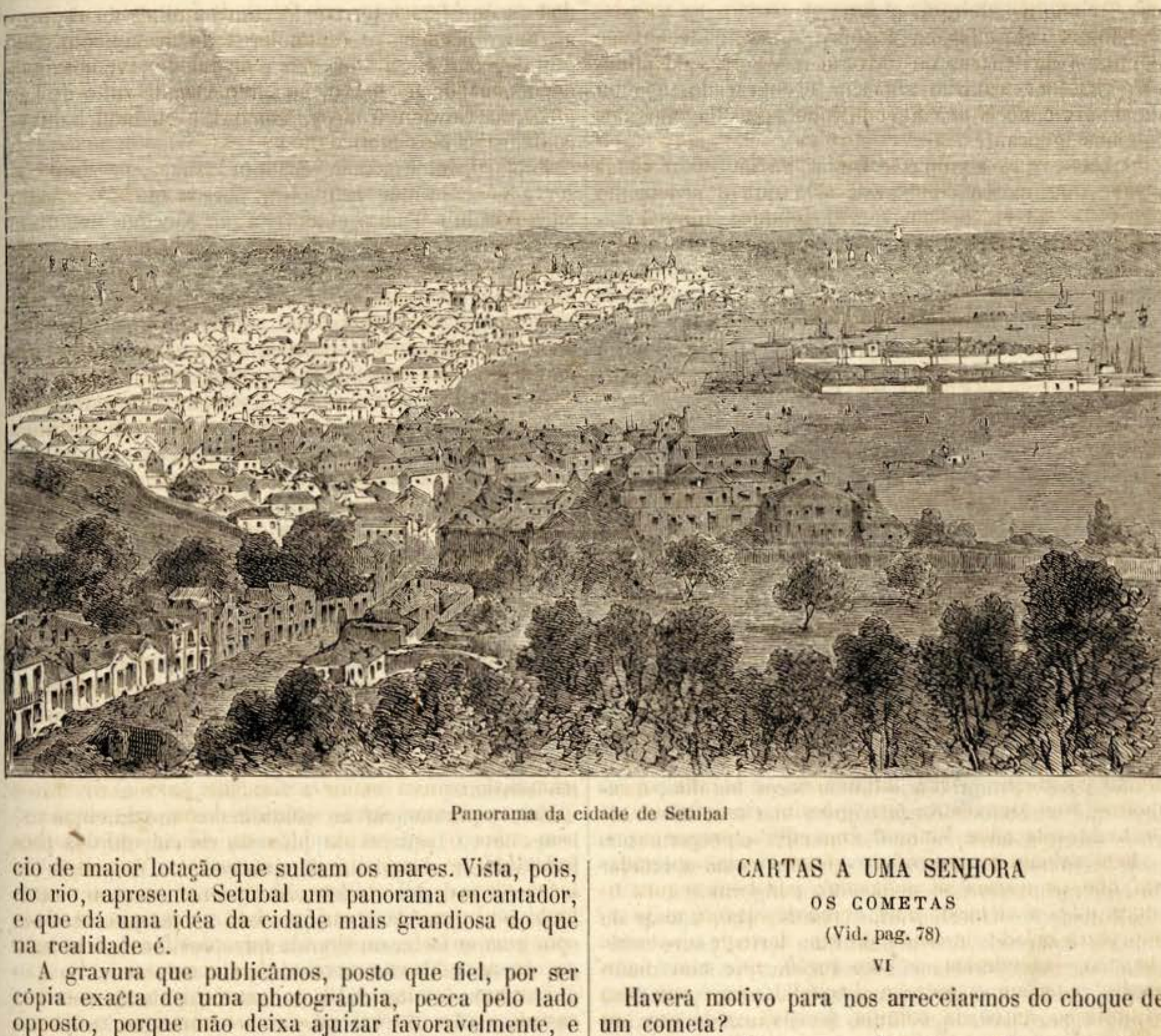
N'esta horrivel situação, resolveu-se em conselho que se empregassem todos os esforços para se ir, pouco a pouco, estendendo o entrincheiramento para o lado do mar, até se conseguir chegal-o, ou, pelo menos, aproximal-o da praia, de modo que fosse possivel, com o auxilio da armada, salvarem-se a bordo dos navios.

Por conseguinte, apenas anoiteceu todos se deitaram a esse trabalho com a diligencia e boa vontade que bem se póde imaginar. Mas pouco se pôde fazer, porque, ao amanhecer, foi mister largar, a fim de occultar o intento ao inimigo em quanto podesse ser.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

PANORAMA DA CIDADE DE SETUBAL

É Setubal a terra do reino que mais se parece com Lisboa, pela sua situação ao longo da margem direita do Sado, que se dilata em frente da cidade, como o Tejo, formando um porto que não conta menos de cinco kilometros de largura, e que offerece accesso não facil, mas abrigo seguro aos navios de commer-



Panorama da cidade de Setubal

cio de maior lotação que sulcam os mares. Vista, pois, do rio, apresenta Setubal um panorama encantador, e que dá uma idéa da cidade mais grandiosa do que na realidade é.

A gravura que publicâmos, posto que fiel, por ser cópia exacta de uma photographia, pecca pelo lado opposto, porque não deixa ajuizar favoravelmente, e em toda a luz da verdade, da grandeza d'esta terra, nem da belleza da sua situação.

Esperando offerecer aos nossos leitores outra gravura que melhor retrate esta importante cidade, aguardâmos essa occasião para dar algumas noticias sobre a sua interessante historia e descripção, pois que é esta uma das povoações do reino de mais antiga origem, de mais tradições historicas, e a terceira, depois de Lisboa e Porto, no movimento commercial, e no trato com as nações estranhas. E a todas estas circumstancias, que são bastantes para lhe dar consideração em todo o paiz, accresce ainda um merecimento que nenhuma outra terra do reino lhe póde disputar. Consiste em possuir perto dos seus muros a cidade romana de *Cetobriga*, tão rica em objectos de arte, e sepultada apenas á flor da areia que a cobre.

I. de Vilhena Barbosa.

CARTAS A UMA SENHORA

OS COMETAS

(Vid. pag. 78)

VI

Haverá motivo para nos arreceiarmos do choque de um cometa?

Durante muito tempo ninguem soube responder a esta pergunta, aliás interessantissima, porque influe nos destinos da humanidade.

Eu vou relatar em poucas palavras o que se tem dito sobre este assumpto.

A pergunta acima exposta contém outra implicitamente, e divide-se em duas:

Poderá haver choque?

Dado o choque, haverá cataclismo?

No *Annuaire du bureau des longitudes* responde Arago ao primeiro quesito.

Whiston havia dito que um cometa fôra a causa do diluvio universal. Arago demonstrou que um cometa cujo diametro fosse egual a um quarto do da terra, e estivesse mais proximo do sol do que esta no seu perihelio, apresentaria uma probabilidade de choque contra duzentos oitenta e um milhões.

Analysando outras hypotheses aventadas por espiritos amantes das crises tetricas e completamente alheias á harmonia da creação, demonstrou Arago que não havia probabilidade alguma de choque, em qualquer caso, ainda o mais desfavoravel.

Dêmos, porém, que haja encontro. Vem logo Herschell e Babinet socegar os nossos terrores, com razões inconcussas e altamente scientificas.

Em 1857 espalhou-se o boato extravagante de que um cometa devia encontrar-se com a terra, destruindo-a completamente, no dia 13 de julho. A data era fatidica e cabalistica; as descripções anticipadas faziam arripiar as carnes aos mais scepticos; o socego foi perturbado; alguns abandonaram o trato dos negocios, e houve até alguem que já ouvia nas solidões do ceo o horrido fragor do igneo gigante que caminhava, caminhava inexoravel como o destino, implacavel como o cutelo do algoz.

Babinet veiu consolar a pobre humaninade, que se contorcia nas vascas do terror e nas garras da afflicção; Babinet, espirito superior e engraçado, apodou de *nadas visiveis* os cometas, innocentes flagellos dos homens ignorantes.

Sabia-se que algumas estrellas haviam sido vistas através da massa cometaria, sem que o seu brilho padecesse alteração sensivel. Concluia-se immediatamente que a massa cometaria era pequenissima, e pequenissima a sua densidade; mas, empregando uma discussão facil e quasi intuitiva, mostrou o sabio astronomo que a atmosphera, allumiada pela lua, é novecentas mil vezes mais brilhante do que a materia cometaria que existe no ceo em pleno sol. Mas a luz d'este astro tem uma intensidade oitocentas mil vezes maior do que a lua cheia, segundo as medições photometricas do sabio Wollaston; infere-se logo que a nossa atmosphera, esclarecida pelo sol, é *setecentos mil milhões* de vezes mais brilhante do que o cometa!

Medindo depois a absorpção da luz através dos cometas, chega Babinet ao resultado soprendente de que, para ajuntar a substancia cometaria no ar atmospherico dilatado, sería necessario reduzir a densidade d'este a uma outra expressa por uma fracção que teria a unidade por numerador, e cujo numerador sería a unidade seguida de cento vinte e cinco zeros!

Nos seus *Études et Lectures sur les Sciences d'observation*, a proposito do grande cometa de 1861, diz Babinet o seguinte:

«Vou repetir aqui o que tantas vezes hei dito, a saber: que o choque de um cometa não tem effeito algum sobre a terra, e que a materia cometaria não póde penetrar na atmosphera, assim como o bafejar da respiração não penetra em uma bigorna.

«Muitas vezes me hão dito, porém, que, apesar da materia cometaria não penetrar na terra, póde, comtudo, ser uma substancia toxica, um veneno muito activo, como o acido hydrocyanico (acido prussico), e este vapor, posto que muito ligeiro, exterminar por envenenamento.

«Aos que se comprazem de temer perigos imaginarios e de sentir as commoções do terror, respondo que, se a medicina homœopathica fizesse tomar a um doente um volume egual á sé de Paris, ou ao Pantheon, cortado na cauda de um cometa, este remedio sería insufficiente, em virtude da sua pequena quantidade.»

Em outro logar já Babinet havia affirmado: «que quando o sr. Herschell, nos seus *Bosquejos Astronomicos*, dissera que a cauda de um cometa poderia pesar tão sómente algumas libras ou mesmo algumas onças, tinha encontrado tantos incredulos quantos os leitores. E, comtudo, a sua avaliação é ainda exaggerada, comparada com a que é verdadeiramente.»

Perguntará agora v. exc., com o espirito atilado que a caracterisa, como é que algumas particulas analogas aos gazes, rarefeitas em espaços tão consideraveis, podem ser vistas a distancias tão grandes?

É facil a resposta.

Repare v. exc. no fumo de um charuto que sóbe em espiraes graciosas e translucidas, e que se espalha em um aposento, sem nunca deixar de ser visto. Os raios solares directos ainda tornam mais visivel o fumo que se vae dilatando á proporção que sobe. Tomando em conta o numero das golfadas que um fumador extrahe de um charuto dos mais exiguos, ficará v. exc. espantada da grandeza do volume occupado por tão pequeno peso de materia reduzida a vapores, sem que os olhos deixem de a ver perfeitamente.

VII

Newton é, sem duvida, o maior genio de entre todos os que hão interrogado com os olhos do espirito as magnificencias e esplendores do firmamento. Seguindo, porém, a hierarchia do talento, vemos logo depois, e pouco abaixo, surgir o grande vulto de Laplace, o Newton francez, como lhe chamou Babinet com justissimos motivos.

Laplace, intelligencia creadora e sagaz, pessimo observador e grande geometra, parece que foi creado para concluir a obra entrevista por Newton. Seguindo os dictames do sabio inglez, derramando nos mais difficeis problemas jorros de luz que elle desentranhava das profundezas da sua vastissima intelligencia, Laplace foi a expressão mais brilhante do muito que pede a analyse, esse instrumento sublime, quando manejado com sagacidade e perspicacia.

Para que v. exc. conheça de alguma fórma a cosmogonia do admiravel geometra, que honrou a França e a humanidade com os seus trabalhos estupendos, vou eu resumir em pouquissimas linhas, e com a possivel clareza, a substancia do livro que tem por titulo *Exposição do Systema do Mundo*.

Quando Laplace escreveu este livro, que retumbou em todas as academias do mundo, o systema planetario conhecido constava de onze planetas com quarenta e oito satellites.

Eram já conhecidos e estudados os movimentos de rotação do sol, de seis planetas, da lua, de um satellite de Saturno e do seu annel, e dos satellites de Jupiter. Ajuntando estes aos movimentos de revolução, eram ao todo quarenta e tres, dirigidos no mesmo sentido.

Esta permanencia no sentido dos movimentos celestes levou Laplace á applicação do calculo das probabilidades, o qual lhe demonstrou, na proporção de quatrocentos mil milhões de probabilidades contra uma, que esta harmonia não era devida ao acaso, senão a uma lei cosmogonica que presidiu á formação dos mundos. Considerando outrosim, que a inclinação da maioria d'estes movimentos orbiculares sobre o equador solar é mui pequena, e attentando, já na pouca excentricidade das orbitas dos planetas e satellites, já no consideravel alongamento das ellipses cometarias, sem que entre estes dois extremos houvesse continuidade, Laplace convenceu-se que a mesma causa regular e necessaria havia produzido todos estes effeitos. Qual era, porém, esta causa? Qual a força que gerou e dirigiu os movimentos planetarios, ou, antes, que communicou aos corpos do nosso systema um movimento quasi circular e no mesmo sentido em volta do sol? Essa causa não podia ser outra senão um fluido que se diffundia até aos derradeiros limites do mundo solar, e envolvia o astro radioso, como a nossa atmosphera envolve a terra. Correram os seculos na clepsydra da immensidade, o enorme calor que mantinha a fluidez dos corpos foi-se dissipando a pouco e pouco, o involucro atmospherico condensou-se progressivamente até se circunscrever nos

limites actuaes, formando os planetas que contemplâmos agora.

Oiçâmos o proprio Laplace:

«No estado primitivo em que considerámos o sol, assimilhava-se elle ás nebulosas que o telescopio nos mostra compostas de um nucleo brilhante, rodeado de uma nebulosidade, que, como se condense na superficie nuclearia, deve transformal-a um dia em estrella.

«Se concebermos, por analogia, que todas as estrellas são formadas assim, podêmos imaginar o seu estado anterior de nebulosidades, precedido de outros estados em que a materia nebulosa era cada vez mais diffusa, ao mesmo tempo que o nucleo se tornava tambem menos luminoso e denso. Tal foi, de feito, o primeiro estado das nebulosas observadas por Herschell com particular cuidado, empregando os seus telescopios potentes, e por meio dos quaes pôde seguir os progressos da condensação, não em uma só, senão no conjuncto de todas, assim como, em ampla floresta, é possivel seguir o crescimento das arvores nos individuos de edades diversas.

«Herschell observou primeiro a materia nebulosa espalhada em diversos acervos nas differentes regiões do ceo, de que occupa grandissima extensão.

«Viu em alguns acervos aquella materia frouxamente condensada em volta de um ou de muitos nucleos pouco rutilos. Em outras nebulosas brilham mais estes nucleos em relação á nebulosidade que os rodeia. As atmospheras de cada nucleo, se porventura se separarem em virtude de uma condensação ulterior, dão origem a nebulosas multiplas, formadas de nucleos brilhantes mui proximos, cada um dos quaes é cercado de uma atmosphera. Ás vezes a materia nebulosa, condensando-se uniformemente, produz nebulosas denominadas *planetarias*. Em fim, um maior grau de condensação transforma todas estas nebulosas em estrellas.

«As nebulosas, classificadas segundo este modo de ver philosophico, indicam com extrema verosimilhança a sua futura transformação em estrellas, e o estado anterior de nebulosidade das estrellas existentes.»

Seguindo este mesmo raciocinio em relação ao sol, chegâmos com Laplace á quasi certeza, ou, pelo menos, á grande verosimilhança, de que os planetas foram formados nos successivos limites da atmosphera solar, e que, resfriando-se, tiveram de abandonar, no plano do seu equador, zonas de vapor, que a attracção mutua das suas moléculas transformou em diversos espheroides.

Tal é a theoria cosmogonica de Laplace. Resta ver agora se é applicavel aos cometas.

Parece á primeira vista que os astros erraticos saem fóra da alçada d'esta hypothese; mas, se a analysarmos mais detidamente, podêmos considerar os cometas como pequenas nebulosas de nucleos errantes no espaço, e passando de uma esphera de attracção para outra.

Explica-se assim o desenvolvimento consideravel das caudas e comas ao aproximarem-se do sol. Chegados á esphera attractiva do sol, os cometas descrevem ellipses ou hyperboles tanto em um sentido como no outro, seguindo todas as inclinações possiveis com a ecliptica. Convem notar, porém, que todas as probabilidades são a favor das orbitas ellipticas, por isso que ainda se não observou um só cometa que descrevesse uma hyperbole.

Laplace, applicando o calculo das probabilidades, que lhe foi poderosissimo instrumento de investigação, achou que uma nebulosa, entrando na esphera activa do sol, descreverá uma ellipse ou uma hyperbole de preferencia a outra curva na razão de seis mil probabilidades contra uma.

(Continua) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

MOSTEIRO DE LORVÃO

(Conclusão. Vid. pag. 75)

VII

Na vespera do natal do anno de 1200 [1] foi el-rei com o bispo de Coimbra e com o abbade de Alcobaça a Lorvão fazer entrega do convento a D. Theresa. Lançou, então, o abbade o habito de Cister á rainha e a muitas senhoras illustres, que a quizeram acompanhar n'esta troca dos prazeres e riquezas da corte pela solidão e humildade do claustro.

Alcançou D. Theresa o que tanto desejava, e, tendo passado encerrada no seu mosteiro uma virtuosa e exemplar vida, falleceu com fama de santa, e foi sepultada na egreja do convento, junto de sua irmã D. Sancha, egualmente virtuosa, e que tinha fundado o mosteiro de Cellas.

Depois de sepultadas as rainhas, começou a espalhar-se de tal fórma a fama das suas virtudes, que por todos eram consideradas como santas, posto que ainda não estivessem beatificadas.

O cardeal D. Henrique foi o primeiro que começou a tratar da beatificação das duas virtuosas irmãs, e empenhou-se tambem n'este negocio D. Sebastião; mas, quando se principiaram as competentes indagações, succedeu a infeliz jornada de Africa, e o cardeal D. Henrique, depois d'esta tão lastimosa catastrophe, luctou sempre com tantos trabalhos e inquietações, que não pôde attender mais ao santo negocio da beatificação das rainhas.

Só no reinado de D. Pedro II, por diligencias das religiosas de Lorvão, foram satisfeitos os seus ardentes desejos, governando a egreja Clemente XI, que primeiramente beatificou as rainhas *vivæ vocis oraculo* em 13 de setembro de 1704, e depois por bulla de 23 de dezembro de 1705. O mesmo papa concedeu, em 14 de setembro de 1709, missa ás santas e officio proprio para toda a sua religião e para o bispado de Coimbra; e depois, movido por justas queixas, estendeu esta graça a todo o reino e seus dominios, por decreto de 11 de fevereiro de 1713, ordenando que todo o clero regular e secular reze e diga missa das santas do commum nos dias de seus transitos, 13 de março e 17 de junho.

Em 1713, vendo a abbadeça D. Bernanda Telles de Menezes que as antigas sepulturas das rainhas não correspondiam á elevadissima jerarchia de santas, ordenou que se fizessem dois cofres de prata, que foram encommendados por fr. João de Faria (então procurador geral da religião de S. Bernardo na cidade do Porto) a Manuel Carneiro Silva, artista habil e engenhoso.

A trasladação dos ossos para os novos cofres foi pomposa e solemnissima, e a pequena aldeia de Lorvão converteu-se então n'uma corte. A camara de Coimbra teve convite especial del-rei para assistir ás festas [2].

O dom abbade geral de Alcobaça ordenou que hou-

[1] *Chronica de Cister*, e *Agiologia Lusit.* t. III, fl. 729.

[2] Á camara de Coimbra mandou el-rei a seguinte carta: «Juiz, Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade de Coimbra. Eu, El-Rei, vos envio muito saudar. No Mosteiro de Lorvão se ha de fazer a trasladação dos Veneraveis corpos das Rainhas Santa Theresa e Santa Sancha, que se achão no mesmo Mosteiro, a que ha de assistir o bispo d'essa Cidade; hei por bem que no dia que elle vos avisar vai fazer a dita trasladação, assistais a ella no dito Mosteiro em corpo de Camara. Escripta em Lisboa a 10 de outubro de 1715» Esta carta foi entregue ao senado de Coimbra por intervenção do bispo da mesma cidade, o qual tambem lhe escreveu outra sua em que dizia: «Que sua Magestade lhe tinha encarregado aquella funcção; que elle a determinava fazer no Sabbado seguinte, que se contavão 19 do mez; e que n'elle se devia de achar o Senado presente pelas tres horas da tarde ao exame das Reliquias; que lhe encommendava convidasse doze pessoas das mais qualificadas da Cidade, e que sendo possivel fossem todas Cavalleiros do Habito, porque, revestidos nos mantos da sua ordem, pegarião nas varas dos Pallios, na Procissão que se havia de fazer no dia vinte e dois.»

vesse fogos de artificio, charamelas e trombetas, e o bispo não se poupou a despezas, convidando distinctos musicos para maior alegria e solemnidade.

Disposto o necessario, partiu para Lorvão o dom abbade geral a 17 de outubro, e foi recebido á porta da egreja com pallio e *Te Deum*. O bispo, que chegou no dia seguinte, foi da mesma fórma recebido. Concorreu tambem o cabido, grande numero de abbades e religiosos de varias ordens, muitas pessoas ecclesiasticas e seculares, os substitutos do corregedor e do juiz de fóra, os quaes empunhavam as suas insignias, todos vestidos á cortezã, e oito cavalleiros da ordem de Christo tambem vestidos nobremente. Para maior pompa assistiram tambem algumas companhias de soldados da comarca [1].

Estando a egreja ricamente adornada e completamente cheia com as pessoas já nomeadas, principiou-se a ceremonia pela abertura dos tumulos antigos. O de Santa Theresa tinha um epitaphio latino, que, traduzido, é o seguinte:

«Aqui descança a rainha D. Theresa, filha del-rei D. Sancho I de Portugal, a qual, havendo sido casada algum tempo com el-rei de Leão D. Affonso IX, annullando o matrimonio e desprezando as coisas do mundo, vestindo o habito cisterciense n'este convento de Lorvão, que por sua industria passou dos monges de S. Bento para as religiosas de S. Bernardo; e perseverando n'elle mais de vinte annos, falleceu com muitos applausos de prudente, generosa e modesta, cheia de muitas virtudes, e com maravilhosos prodigios de santidade, no anno do Senhor de 1250».

Examinadas as reliquias, foram trasladadas para o rico tumulo de prata.

O antigo sepulchro de D. Sancha, que se abriu em seguida, tambem tinha uma inscripção latina cuja traducção é:

«A infanta D. Sancha, filha del-rei D. Sancho I de Portugal, que em todo o decurso da sua vida applicada a obras de virtude consagrou a sua virgindade ao Senhor, seguindo a vida monastica no convento de Cellas, que edificou junto aos muros de Coimbra, resplandecendo n'elle com os ornatos das maiores virtudes e fama de grande santidade, falleceu no anno do Senhor de 1229, e foi trasladada por sua irmã para este templo de Lorvão, e repoisa n'este tumulo».

Os ossos de Santa Sancha foram tambem encerrados em outro tumulo de prata, egual ao de Santa Theresa.

Esta solemne e apparatosa funcção acabou ás 10 horas da noite com geral contentamento. Seguiram-se então vistosas luminarias, fogo e repiques de sinos fazendo concerto com charamelas e trombetas. No dia 20 de outubro, que era domingo, deu-se principio a um esplendido e solemnissimo triduo. De tarde houve harmoniosas musicas, e um panegyrico das santas. A festa continuou com egual pompa nos dias seguintes, havendo no ultimo uma procissão que circuitou pelo corpo da egreja, porque não consentiu o tempo que saísse fóra [2]. Assim terminaram tão apparatosas festas, e as santas rainhas, inspirando aos fieis piedosa devoção, permanecem ainda nos seus ricos tumulos na egreja do convento de Lorvão.

XIII

O tempo, que com sua mão de ferro tudo consome, não poupou o edificio fundado pelos filhos de S. Bento, e é muito provavel que depois d'esse se fundasse outro que não fosse o actual. O que hoje vêmos julgâmos ser obra do seculo XVII, porque, n'uma das suas portas está esculpida a data de 1630. Aos lados superiores d'esta porta vêem-se as seguintes inscripções, que julgâmos ser mais antigas, as quaes copiâmos com toda a fidelidade.

Lado esquerdo:

POST HAL AMVM ALFONSI REGISII
ARASIA FVNDAT.
LoRVANI MoNACHAS. ET MONI
ALISOBIT.
ANNO· 12·

Do lado direito de quem lê está esta:

REGIA PROGENIES. PIA VIRGO.
SANCIA CELLAS.
EXTRVIT. INDE oBIENS.
CAELICA REGNA PETIT.
ANNO 12

O exterior do edificio é magestoso, e fórma um angulo que, com um comprido muro, e com umas casas que servem de hospicio, fecha um extenso pateo quadrilongo.

«A egreja de Lorvão é um d'aquelles templos cujos limiares jámais podem transpor-se sem que sejâmos assaltados a um mesmo tempo dos nobres sentimentos de religiosidade, admiração, respeito e piedade [1].» A sua architectura é sumptuosa e elegante, e encerra bellezas dignas de admiração.

O côro é lindissimo, adornado com primorosos entalhes de madeira e quadros a oleo; as grades que o separam da egreja são bem executadas e com engastes de metal.

Ha na egreja, além do altar-mór, que tem um optimo throno doirado, e columnas de pedra, admiraveis pelo seu tamanho, mais sete lateraes, e em dois d'estes estão depositadas as santas nos preciosos tumulos de prata em relêvo, representando ramos e flores, com pedraria de côres differentes n'ella engastada, e tudo assente sobre veludo carmesim. Estes ricos cofres tem de comprimento oito palmos, dois e meio de largo, e altura proporcionada, e estão cobertos por valiosos pannos de damasco branco primorosamente bordado de oiro.

Os outros altares são adornados com bellos retabulos, e com pinturas de Pascal Parente.

Do tecto vêem-se pendentes grandes candelabros suspensos por optimas correntes doiradas.

A porta do templo é tambem digna de attenção, por ser de muito boa madeira chapeada de ornatos de metal.

As freiras de Lorvão são hoje já muito poucas e em edade provecta. Não está talvez longe o dia em que, faltando as habitadoras ao mosteiro, elle fique ermo e abandonado; e que farão então os homens do governo? «Venderão o edificio e a cêrca a algum d'estes judeus do seculo XIX, a que chamâmos agiotas, se algum houver a quem passe pelo espirito ter uma casa de campo em Lorvão? [2]» Deus permitta que tal não aconteça. O mosteiro de Lorvão, monumento historico valiosissimo, que recorda tantos e tão grandes factos, deve ser respeitado sempre, e conservado com religiosa veneração.

AUGUSTO MENDES S. DE C.

[1] Na *Vida de Santa Theresa*, por José Pereira Bayão, d'onde tirámos muitos apontamentos para este artigo, vem nomeadas em particular as pessoas que assistiram á solemnidade, que tambem alli vem narrada com mais minuciosidade.

[2] Na obra citada na nota antecedente desereve-se toda a solemnidade com maior minuciosidade.

[1] *Memoria Historico-Chorographica*, pelo sr. doutor Henriques Secco.

[2] Sr. Alexandre Herculano. *Naçao*, n. 1747.